

Byung-Chul Han - o filósofo fast-food



Por **CARLOS EDUARDO ARAÚJO***

A obra de Byung-Chul Han, ao envernizar sua mensagem com retórica sedutora, transforma-se num produto de consumo cultural que, embora pareça crítico, reforça as lógicas de dominação e exploração

1.

Byung-Chul Han é um fenômeno editorial, mas sua obra merece ser examinada com um olhar crítico e sem a reverência que normalmente a acompanha. Embora seja apresentado como um “filósofo” que diagnostica os males do neoliberalismo e da sociedade contemporânea, sua produção parece mais uma variação incessante sobre os mesmos temas, girando em torno de conceitos como transparência, desempenho, positividade e autoexploração.

Há algo de industrial em sua escrita, no sentido mais fordista do termo: seus livros seguem um modelo de montagem em série, resultando em produtos intelectuais fáceis de consumir, de rápida digestão, mas com pouco valor nutritivo para um pensamento realmente crítico.

A principal crítica que se pode fazer a Byung-Chul Han é a superficialidade. Ele frequentemente maneja conceitos filosóficos como se fossem slogans, reduzindo ideias complexas a fórmulas sedutoras e acessíveis. O efeito é enganoso: sua prosa é concisa e envolvente, dando a impressão de profundidade, mas, ao olhar mais atento, revela-se repetitiva e incapaz de desenvolver as próprias premissas com rigor.

Essa simplificação excessiva leva à impressão de que Byung-Chul Han não propõe uma crítica robusta ao neoliberalismo, mas apenas descreve suas dinâmicas com certo tom melancólico, sem oferecer saídas ou alternativas. Seu diagnóstico é sempre o mesmo: vivemos na sociedade do desempenho, nos exploramos a nós mesmos e estamos adoecidos pelo excesso de positividade. Mas e depois? Byung-Chul Han não se aprofunda.

Além disso, sua popularidade meteórica levanta suspeitas. Filósofos genuinamente radicais não costumam ser tão bem recebidos pelo mercado editorial, especialmente quando supostamente criticam a estrutura dominante. A proliferação de suas obras – que muitas vezes são meros desenvolvimentos das anteriores, sem acréscimos significativos – sugere que ele encontrou um nicho perfeito: a crítica leve, palatável, que não desafia realmente ninguém, mas oferece um verniz de reflexão a leitores que querem se sentir intelectualmente engajados sem precisar enfrentar o peso de uma filosofia rigorosa.

Ele não oferece ferramentas conceituais robustas para uma verdadeira transformação da realidade. Sua abordagem estética e seu estilo aforístico o aproximam mais de um guru do que de um pensador realmente subversivo. No fim, Han não é um problema porque está errado – ele é um problema porque é insuficiente.

Byung-Chul Han tornou-se um fenômeno editorial global, com livros traduzidos para diversas línguas e uma legião de leitores que encontram em sua obra um diagnóstico dos males da contemporaneidade. Entretanto, um olhar crítico – e, mais precisamente, marxista – revela que sua filosofia não apenas é insuficiente como também inofensiva para uma real crítica ao capitalismo.

Ao descrever as dinâmicas da sociedade do desempenho e da autoexploração, Byung-Chul Han evita apontar os responsáveis concretos pela situação, tornando sua análise mais uma elegia melancólica do que uma crítica transformadora.

2.

Seus livros seguem um padrão repetitivo: somos vítimas da positividade excessiva, da transparência compulsória, da hipercomunicação digital e do esgotamento causado pelo excesso de trabalho e autoexploração. Mas, ao formular essa crítica de forma tão abstrata, Byung-Chul Han ignora os elementos estruturais da exploração capitalista. Onde está a mais-valia? Onde está a expropriação dos meios de produção? Onde está a figura do patrão, do burguês, do dono do capital?

Ao colocar o trabalhador como explorador de si mesmo, Byung-Chul Han desloca a responsabilidade do sistema capitalista para o próprio indivíduo, como se o esgotamento e a ansiedade fossem apenas sintomas de um mal-estar difuso, e não o resultado direto da exploração econômica.

A noção de “autoexploração”, tão cara a Byung-Chul Han, é uma forma velada de esvaziar o conceito marxista de exploração. Se o trabalhador agora se explora a si mesmo, então quem se beneficia dessa exploração? O capital continua acumulando riqueza, os meios de produção seguem nas mãos da burguesia, e a desigualdade estrutural se perpetua. Mas Byung-Chul Han não nos fala disso. Ele descreve a angústia do sujeito neoliberal, mas não denuncia a estrutura econômica que o aprisiona. Sua crítica, portanto, é apenas uma lamentação impotente.

Sua popularidade também merece atenção. Byung-Chul Han é celebrado, vendido em aeroportos e consumido como um pensador pop. Isso porque sua filosofia, apesar do tom crítico, não ameaça o capitalismo – pelo contrário, se encaixa perfeitamente nele. Ao oferecer uma crítica inofensiva e individualizada, ele permite que seus leitores continuem imersos no sistema sem precisar confrontá-lo verdadeiramente.

Byung-Chul Han é um sintoma da sociedade que ele pretende criticar. Sua filosofia não é uma arma contra o capitalismo; é um produto sofisticado do próprio capitalismo, vendido como um alívio intelectual para aqueles que sentem que algo está errado, mas não querem – ou não podem – enfrentar as raízes do problema.

3.

A obra de Byung-Chul Han funciona como um simulacro de filosofia crítica, um produto cultural que oferece aos seus leitores a sensação de profundidade sem exigir deles qualquer esforço real de reflexão ou confronto com as estruturas que sustentam a exploração capitalista. Seu pensamento é a epítome da intelectualidade de consumo rápido: fácil de digerir,

a terra é redonda

elegante na forma, repleto de termos sedutores, mas essencialmente vazio em conteúdo transformador.

Essa característica faz com que Byung-Chul Han seja especialmente apreciado por um público que deseja ostentar uma aparência de erudição sem, no entanto, se comprometer com um estudo rigoroso ou com uma crítica verdadeiramente revolucionária. Ele fornece o vocabulário para debates de salão, para conversas de café entre profissionais liberais e acadêmicos light que desejam parecer engajados, mas cujo compromisso com a transformação social se limita a uma leitura esparsa de ensaios curtos e aforismos vagos.

Byung-Chul Han, ao envernizar sua crítica com uma linguagem elegante e aparente profundidade, oferece um paliativo sedutor para um público que busca ostentar uma intelectualidade, mesmo que essa seja rasa e superficial. Sua obra, ao tratar da “sociedade do desempenho” e da “autoexploração”, apresenta conceitos que, embora soem inovadores, não passam de reformulações de críticas já conhecidas – sem, contudo, apontar os verdadeiros responsáveis pela exploração.

Essa análise, impregnada de um verniz estilístico, encobre a ausência de um diagnóstico que vá à raiz da contradição capitalista, afastando-se do núcleo marxista que identifica o detentor do capital e a expropriação da mais-valia como elementos centrais da exploração.

Nessa perspectiva, a crítica de Byung-Chul Han se torna um exercício de auto engrandecimento intelectual, onde o trabalhador, ao se ver obrigado a se auto explorar, é indiretamente culpabilizado por sua própria condição. O sistema capitalista, com seus mecanismos de acumulação e a concentração dos meios de produção, permanece intocado – sua função expropriadora é deixada de lado em favor de uma narrativa que almeja confortar o sujeito neoliberal com reflexões superficiais e estilizadas.

Assim, ao invés de revelar o verdadeiro explorador – o detentor do capital – Byung-Chul Han alimenta a ilusão de que a solução para os problemas contemporâneos reside na autoanálise melancólica, e não na transformação estrutural da sociedade.

O efeito desse “verniz” é duplo. Por um lado, confere uma aura de profundidade que atrai um público ávido por reflexões que soem revolucionárias, mas que, na prática, permanecem desprovidas de um compromisso com a crítica real das estruturas de poder.

Por outro, essa abordagem superficial serve como instrumento ideológico que perpetua o status quo, oferecendo uma satisfação estética sem provocar as mudanças necessárias para a superação das contradições fundamentais do capitalismo.

Em suma, a obra de Byung-Chul Han, ao envernizar sua mensagem com retórica sedutora, transforma-se num produto de consumo cultural que, embora pareça crítico, acaba por reforçar as lógicas de dominação e exploração que a verdadeira análise marxista exigiria denunciar.

***Carlos Eduardo Araújo é mestre em Teoria do Direito pela PUC-MG.**

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

CONTRIBUA